



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS - CSHNB
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS
GRADUAÇÃO EM LETRAS/PORTUGUÊS

PATRINE SILVA NASCIMENTO

DESVIOS ORTOGRÁFICOS: UMA ANÁLISE SOBRE A ESCRITA DE ALUNOS DO 6º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL

PICOS
2021

PATRINE SILVA NASCIMENTO

**DESVIOS ORTOGRÁFICOS: UMA ANÁLISE SOBRE A ESCRITA DE
ALUNOS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof. Maria Aldetrudes de Araújo Moura

PICOS

2021

DESVIOS ORTOGRÁFICOS: UMA ANÁLISE SOBRE A ESCRITA DE ALUNOS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL*

Patriline Silva Nascimento¹

Maria Aldetrudes de Araújo Moura²

RESUMO: Uma das finalidades do ambiente escolar é preparar seus educandos para desenvolver habilidades como escrita e leitura, além de usar a língua em suas diferentes modalidades. Para entender mais sobre esse panorama, a presente pesquisa apresenta como objetivo geral: caracterizar os desvios ortográficos mais recorrentes nas produções textuais escritas dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Os objetivos específicos foram: distinguir os desvios gráficos relativos ao sistema fonológico e ao sistema ortográfico presentes na escrita dos alunos do Ensino Fundamental; identificar a relação entre grafemas e fonemas no português brasileiro; entender a assimetria entre os sistemas fonológico e ortográfico. Teve-se questão norteadora: quais são os desvios ortográficos mais presentes em textos escritos por alunos do 6º ano do ensino fundamental? O presente trabalho trata-se de uma pesquisa quantitativa e de campo, cujos dados foram coletados em uma escola pública estadual da cidade de Santo Antônio de Lisboa – Piauí, tendo como participantes seis alunos dessa instituição de ensino. Usou-se o aporte de teóricos como: Lemle ([1982] 2009), Morais (2007), Bagno (2007), Coutinho (2007), Silva (2011), Roberto (2017), dentre outros. Os dados evidenciaram que os tipos de desvios gráficos mais presentes na escrita dos alunos foram decorrentes de aspectos de natureza fonológica, além disso houve, também, muitos casos de erros relativos às questões puramente ortográficas, especialmente, às irregularidades do sistema.

Palavras-chave: Ensino. Categorização de desvios gráficos. Sistemas ortográfico e fonológico.

1 INTRODUÇÃO

O ambiente escolar tem como uma das suas funções primordiais preparar o estudante da melhor forma possível para a sociedade, é neste espaço que aprendemos sobre diversos assuntos, como, por exemplo, os relacionados à língua, à matemática, à história, dentre outros. Nesse interim, entendemos que a instituição de ensino é um dos lugares em que os alunos agregam vários conhecimentos. No que se trata ao uso da linguagem, um dos principais objetivos da escola é proporcionar aos educandos um conhecimento sólido sobre a língua portuguesa. Logo, uma das suas finalidades é capacitar seu alunado para que tenha domínio nas

* Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras/Português da Universidade Federal do Piauí como pré-requisito para a obtenção do Título de Licenciatura em Letras.

¹ Aluna regularmente matriculada no curso de Letras/Português da Universidade Federal do Piauí -UFPI. E-mail: patrinefernandes639@gmail.com

² Mestre em Letras e docente do curso de Letras/Português da Universidade Federal do Piauí-UFPI. E-mail: aldetrudes@ufpi.edu.br

habilidades de escrita e leitura; entretanto, sabemos que a carência com essas competências cresce a cada dia, sendo um sério problema que ainda deve ser resolvido

Compreendemos que, por ser viva, a língua sofre com diversas modificações, assim, em qualquer conjuntura, quando combinamos elementos para criar palavras ou frases, ocorrem várias alterações, que podem ser definidas por processos fonológicos, sintáticos ou morfológicos. Mediante a isso, a percepção a respeito da assimetria entre os sistemas fonológico e ortográfico tem sido pauta de muitos estudos na área da linguística.

Ao tratarmos da aprendizagem da língua escrita, é fato que muitos alunos, ao escreverem textos, demonstram não entender as relações entre grafemas e fonemas, bem como se espelham na fala para grafar determinadas palavras. Por consequência disso, existe, na escrita desses estudantes, a influência constante de vários processos fonológicos/fonéticos ou metaplasmos, como são mais conhecidos, os quais são eventos de alteração que acontecem com os fones e fonemas e que podem ser explorados em concepção diacrônica na escrita desses discentes.

Como exemplos desses metaplasmos em textos escritos, podemos citar a grafia das seguintes palavras: *brigado* (obrigado), *pineu* (pneu), *drento* (dentro), *brabo* (bravo), os quais acontecem devido a supressão, acréscimo, transposição e substituição de segmentos. Sobre a arbitrariedade do sistema ortográfico, podemos evidenciar os casos de representações múltiplas, os quais ocorrem pelo fato de uma letra representar mais de um som e um som poder ser representado por diferentes grafemas. Isso pode ser observado na escrita de *sigarra* (cigarra), *cigara* (cigarra), *xega* (chega), em que notamos as representações múltiplas dos fonemas /s/, /r/ e /j/, respectivamente.

Destacamos que, muitas vezes, esses processos fonológicos, quando acontecem em produções escritas, são relacionados ao apoio na oralidade. Sendo possivelmente acarretados e explicados pela dinamicidade e complexidade do sistema fonológico e ortográfico não biunívocos da língua. Somados a isso, observamos, também, o uso de métodos educacionais falhos, antigos e habilidades técnico-pedagógicas não eficientes.

Nesse contexto, partimos da seguinte questão norteadora: Quais são os desvios ortográficos mais presentes em textos escritos por alunos do 6º ano do ensino fundamental?

Partimos da seguinte hipótese: O fato de os discentes, especialmente os que estão no processo de aprendizagem da escrita, não entenderem a relação grafofonêmica ocasiona erros gráficos mais relacionados aos aspectos fonético-fonológicos do que aos ortográficos.

Elencamos como objetivo geral: Caracterizar os erros ortográficos mais frequentes nas produções textuais escritas dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. E os objetivos específicos são os seguintes: distinguir os desvios gráficos relativos ao sistema fonológico e ao

sistema ortográfico presentes na escrita dos alunos do Ensino Fundamental; identificar a relação entre grafemas e fonemas no português brasileiro; entender a assimetria entre os sistemas fonológico e ortográfico.

Evidenciamos que o interesse pela temática em voga iniciou durante o curso de Licenciatura em Letras-Português nas disciplinas de fonética/fonologia, morfologia e evolução da língua portuguesa, ao serem estudadas no âmbito acadêmico. Ao possuímos um conhecimento mais sólido sobre esses assuntos, notamos que esses conteúdos são primordiais para o ensino da Língua, pois nos permitem entender o funcionamento, a organização e a estrutura da nossa língua materna.

Imaginamos que o sistema ortográfico se condiz completamente ao sistema fonológico, logo, é comum escrevermos muitas palavras como falamos. Entretanto, não existe essa biunivocidade, ou seja, uma relação de um para um, bem como o casamento monogâmico, como Lemle ([1982] 2009) denomina, em todas as relações grafofonêmicas. Dessa forma, encontramos desvios de grafia tanto relacionados às questões ortográficas, quanto fonético-fonológicas.

Nesse contexto, entendemos que este estudo promove reflexões sobre a apropriação gráfica, assim como proporciona debates aos docentes e universitários de licenciatura em língua portuguesa acerca de questões pertinentes ao ensino e à aprendizagem da ortografia.

Nessa perspectiva, a ideia desta investigação partiu de uma pesquisa que foi realizada durante o período em que atuei como bolsista do Programa Institucional De Bolsas De Iniciação à Docência (PIBID), no ano de 2019, em uma escola pública estadual, da cidade de Picos, Piauí. O PIBID é um programa que possibilita bolsas de estudos para alunos que estão no processo da graduação a terem um contato com a docência antes dos primeiros estágios, como também antes da formação. No referido estudo, ao realizarmos uma oficina de conto e de crônicas com os alunos do ensino médio, pedimos para que eles escrevessem textos sobre qualquer assunto dentro dos gêneros textuais estudados. A análise das produções desses estudantes nos permitiu observar uma grande quantidade de desvios ortográficos, os quais foram motivados tanto por questões fonético-fonológicas quanto pelas ortográficas e esse fato nos instigou a entender mais acerca da escrita de alunos da educação básica.

Apresentamos como relevância escolar deste estudos investigar quais os desvios ortográficos estão presentes na escrita dos alunos do ensino fundamental. Nesse interim, verificamos a relevância social dessa investigação, pois nela abordamos questionamentos voltados para os estudos da língua portuguesa e como ela pode promover um ensino ortográfico

mais reflexivo, diferente do ensino baseado na memorização e na forma mecanizada, em que os alunos estudavam sobre a convenção ortográfica sem práticas reflexivas.

Acreditamos ser indispensável o docente sondar os tipos de alterações ortográficas que os alunos estão produzindo e analisar se elas são de natureza fonético-fonológica ou ortográfica. Para que isso ocorra, é importante que o docente possua conhecimento linguístico e entenda bem a organização, o funcionamento e a estrutura da língua que ensina.

Perante ao exposto, expressamos que o presente artigo é uma pesquisa de cunho quantitativo, descritivo e de campo. E está dividido em introdução, na qual versamos sobre os aspectos gerais do trabalho; metodologia, neste tópico caracterizamos o tipo de investigação, evidenciando onde, com quem e como a pesquisa foi realizada; fundamentação teórica, parte da pesquisa na qual contatamos com estudiosos especialistas da área; análises de dados, momento em que pormenorizamos os desvios coletados e explicamos as suas causas; e as considerações finais, parte em que expomos com explicações sobre o que foi investigado.

2. METODOLOGIA

Neste tópico, discorreremos sobre a metodologia utilizada para a caracterização da nossa pesquisa: inicialmente, abordamos o tipo de pesquisa; depois, enfocamos o local e os sujeitos da pesquisa; por fim, destacamos os instrumentos para a coleta dos dados.

2.1 Caracterização da pesquisa

Para a realização do presente estudo, desenvolvemos uma pesquisa quantitativa, uma vez que, com base nos dados apanhados, quantificamos os desvios ortográficos motivados por processos fonológicos e ortográficos produzidos por alunos do 6º ano do ensino fundamental. Estudos quantitativos, conforme Botelho e Cruz (2013), partem do “princípio que tudo pode ser quantificado. Isso significa transformar em números opiniões e informações para classificá-las.” (BOTELHO, CRUZ, 2013. p. 52)

No que diz respeito aos objetivos, nossa investigação é descritiva, já que descrevemos as especificidades do nosso objeto de estudo. Concernente aos procedimentos, nossa pesquisa se condiz com as características de um estudo de campo, uma vez que colhemos os dados dessa indagação em uma escola pública estadual de Santo Antônio de Lisboa – Piauí, com alunos do 6º ano do ensino fundamental. Assim, entendemos que uma pesquisa de campo consiste em uma investigação de determinado povo que forma um lugar. Nesse viés, compreendemos, através dos saberes de Gil (2008), que o estudo de campo investiga um único grupo ou

comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes.

2.2 Local de pesquisa

O local da nossa pesquisa foi uma escola pública estadual, da cidade de Santo Antônio de Lisboa – PI. Esse município encontra-se no Sudeste Piauiense, o qual fica cerca de 341 km da sua capital, Teresina. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE³), a população desse município estava estimada, no ano de 2020, em cerca de 6.441 habitantes. A respeito da educação de acordo com o IBGE, ano 2010, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade, era de 93,5% em comparação aos outros municípios vizinhos. Sobre o Índice de Desenvolvimento e Educação Básica (IDEB), sua última atualização aconteceu em 2019 e registrou o índice de 4,7 nos anos iniciais do ensino fundamental da rede pública e 4,1 nos anos finais do ensino fundamental.

O ambiente do nosso estudo fica situado na Avenida Lino Rodrigues, Bairro Centro, no mencionado município. A escola, que está em reforma, conta, atualmente, com uma equipe com 47 colaboradores. Em relação aos alunos, no corrente ano letivo, o referido estabelecimento possui 293 alunos matriculados, 160 mulheres e 133 homens. Em relação à questão social desses estudantes, podemos informar que eles compõem um grupo familiar de pessoas da classe média e da classe média baixa.

2.2.1 Sujeitos da pesquisa

Como participantes da pesquisa, tivemos alunos do 6º ano do ensino fundamental. A turma contava com 25 alunos, sendo 12 meninas e 13 meninos; entretanto, apenas 6 estudantes, 4 meninos e 2 meninas, fizeram parte da investigação. Sobre os estudantes dessa classe, podemos mencionar que eles têm idade entre 11 a 13 anos de idade. Em relação ao rendimento escolar, muitos apresentam dificuldades de aprendizagem, além de evidenciar problemas de leitura e escrita.

É importante ressaltar uma situação atípica: em uma turma com vinte e cinco alunos, tivemos apenas acesso a seis produções textuais produzidas por eles, pois, a maioria dos educandos não retornaram com a atividade proposta pelos pesquisadores. A respeito dos estudantes que realizaram a atividade programada para a coleta de dados, tivemos um total de

³ Informações retiradas do site: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/santo-antonio-de-lisboa/panorama>. Acesso em 2 de jun. de 2021

seis alunos, consoante destacado anteriormente. Nessas produções foram encontrados erros ortográficos os quais foram analisados/categorizados como desvios que formam motivados por características fonético-fonológicas ou ortográficas.

2.3 Instrumentos de coleta dos dados

A coleta de dados da nossa pesquisa aconteceu por meio do estágio regência que realizamos nos meses de abril, maio e junho de 2021. Embora com a vacinação da população já tenha sido iniciada, a situação pandêmica mundial da COVID-19 (Coronavírus) ainda assola a sociedade e os mais diversos setores que a compõem, entre eles, ainda podemos destacar o ensino fundamental de escolas públicas de algumas regiões. Nesse viés, o ensino da instituição em que realizamos a nossa pesquisa ainda acontece por intermédio das aulas remotas, logo, acompanhamos os alunos de maneira *on-line*, na qual realizamos a coleta de dados de forma remota, via fotos enviadas pelo *WhatsApp*.

Em primeiro momento, apresentamos para turma o gênero textual fábula, essa apresentação aconteceu por meio de duas aulas de, aproximadamente, 1 h cada, pelo *Google Meet*. Nessas aulas, abordamos o gênero em questão e trabalhamos a fábula *A Cigarra e a Formiga*. Posterior às aulas, utilizamos o *YouTube* para reproduzir a supracitada fábula e, depois, solicitamos que os alunos recontassem, por meio de texto escrito, a fábula em foco. Assim, tomamos como instrumentos de análise os textos produzidos por esses discentes.

3. REVISÃO DA LITERATURA

Esta seção está segmentada em três subseções: a primeira versa sobre fonética, fonologia e ensino, nela abordamos de forma sucinta conhecimentos sobre o sistema fonético-fonológico e seus ensinamentos; a segunda, condiz ao ensino e aprendizagem da língua; e por fim, o terceiro tópico, mencionamos a assimetria encontrada no sistema ortográfico e fonológico do português brasileiro (doravante PB), bem como mostramos as categorias de análise escolhidas para este trabalho.

3.1 Fonética, Fonologia e ensino

A linguística é o estudo que interessa analisar todas as categorias que se reportam à linguagem verbal, bem com a não verbal entre outras. Essa ciência se divide em várias

ramificações. Neste estudo, abordamos os pressupostos da fonética e a fonologia. Assim, notamos que, existe uma diferença entre a fonética e fonologia, uma vez que uma estuda o seu som como unidade física, a outra analisa em quantos e como se dividem essas unidades sonoras na língua, respectivamente. De acordo com os estudos de Roberto (2016), o qual menciona que:

A fonética estuda o som a partir do princípio material ou físico, pormenorizando como se dá sua produção e quais são seus efeitos numa perspectiva acústica, articulatória ou auditiva. Já a fonologia estuda quantos e quais fonemas de determinada língua, como eles se organizam nas diferentes sílabas e quais variações podem sofrer em decorrência de diferentes fatores, sejam eles linguísticos ou não (ROBERTO, 2016, p. 16).

Nessa perceptiva, sabemos que existe uma grande quantidade de sons nas línguas de modo geral, contudo, somente uma parte deles é utilizada para estabelecer significados. Logo, nem todo som realizado pelo ser humano pode ser considerado uma unidade sonora significativa. Tal como, a diferença entre fone e fonema, caracterizados pela fonética, os fones são os sons realizados pelas pessoas de uma determinada língua, em que todas as pessoas que não possuem nenhuma deficiência conseguem reproduzir.

Os fones se agregam em grupos pequenos de propriedade fonéticas, quando essas propriedades possuem formas diversas elas passam a se chamar de fonemas e passam a ser unidades linguísticas. Segundo Bechara (2009, p. 57), os fonemas seriam a forma acústica registrada pelo aparelho auditivo, ou seja, “os sons elementares e distintivos que o homem produz quando, pela voz, exprime seus pensamentos e emoções”.

Sobremaneira nos anos iniciais de escolarização, é que muitos aprendizes tendem a produzir a escrita tendo como base a fala (ZORZI, 1998). Assim, os alunos das fases primárias se apoiam na oralidade ao escrever, o que possibilita muitos cometerem vários desvios ortográficos. Miranda (2015, p. 64) menciona que, “por ter a língua portuguesa uma escrita alfabética, ao aprender a escrever, os alunos optam por uma escrita fonética, mantendo essa relação unívoca e previsível entre fonemas e grafemas, de forma que reproduzem na escrita sua oralidade”. Entretanto, o que seria compreensível esses desvios acontecerem em fases iniciais, torna-se preocupante ao notar que esses erros também ocorrem nos anos seguintes. Como reporta Roberto (2016):

Obviamente, mesmo passado o período inicial de alfabetização, o apoio a oralidade, reflexo de pouca leitura e desconhecimento do registro gráfico de algumas palavras, bem como o desconhecimento do registro gráfico de algumas palavras, bem como o desconhecimento de regra na relação fonológica, ou, ainda a própria complexidade nessa relação (os casos de contextos competitivos) se manifestarão na escrita de forma desviante. Os casos de relações irregulares, aliás, seguem ao longo de toda a jornada escolar, e ainda, na fase adulta, sempre que uma palavra nova surge (ROBERTO, 2016. p.162)

Nesse contexto, notamos que muitos professores de língua ainda não conseguem proporcionar aos educandos um estudo reflexivo em relação à parte gramatical, pois alunos que deviam cometer esses desvios ortográficos apenas nos anos iniciais passam a cometer durante toda a sua vida. É válido pontuar que os problemas relativos ao ensino e à aprendizagem da língua não são simples, há muita complexidade em compreender os diversos fatores que estão envolvidos nesse processo e é preciso, ainda, de muitos estudos para entendermos mais sobre esse cenário.

3.2 Ensino e aprendizagem da língua

Compreendemos que a aquisição da escrita não é algo que conseguimos com rapidez, ela se dá através de atividades relacionadas à língua. Entretanto, existem organizações fundamentais da fonologia que devem ser ensinadas desde o início da escolarização das crianças, para que o aprendiz tenha uma base lógica da estrutura linguística. De acordo com Simões (2010):

Sabemos que o domínio das formas escritas não pode ser adquirido imediatamente; ele se faz com a prática da língua: muitas leituras e muitas escritas. Contudo, há estruturas básicas da fonologia da língua que podem e devem ser assentadas desde as primeiras séries de ensino fundamental, para que o estudante obtenha pontos de partida para seu aperfeiçoamento, fundamentando sua prática de usuário da língua com uma boa dose de raciocínio linguístico (SIMÕES, 2010, p. 15).

Nessa perspectiva, constatamos que a escrita é mais complexa do que imaginamos e que, por ela ter algumas peculiaridades, devemos fazer uso de métodos de ensino por meio não só da escrita, da oralidade, da leitura, mas também por meios de estudos que abordam assuntos envolvendo a fonologia, que devem ser ensinados desde dos anos iniciais nas escolas.

Enxergamos que a prática da alfabetização não é simples, pois ao se deparar com os símbolos que compõem o alfabeto, isto é, as letras, as crianças devem entender que aqueles riscos representam um grafema, que em sequência existente na língua, formam palavras. Essa percepção não é tão fácil para quem está em processo de aquisição da escrita.

Dessa forma, para uma pessoa alfabetizada, esses símbolos, isto é, os grafemas vão equivaler a um som, ao contrário de quem ainda está no processo de aquisição da escrita que ainda não entende que aqueles símbolos vão corresponder a fonemas. Segundo Lemle ([1982] 2009), as letras para quem não é alfabetizado não passam de risquinhos e é preciso entender que esses risquinhos equivalem a sons da fala. Ainda de acordo com a autora, existem três fatores necessários que interligam a simbologia entre os grafemas e fonemas, ela destaca que é preciso entender o elo entre os sons da fala e letras do alfabeto, depois é necessário conhecer as

diferenças entre os grafemas e, por fim, ter a habilidade de escutar e compreender o som da fala com suas diferenças pertinentes na língua.

Nesse viés, achamos pertinente o ambiente escolar promover um ensino-aprendizagem da convenção ortográfica de forma organizada e promover uma igualdade dentro da diversidade, ao criar circunstâncias de aprendizagem mais eficazes. Nesse sentido, notamos que “a aprendizagem da ortografia é um trabalho reflexivo e continuado que requer situações didáticas provocativas, capazes de desafiar o aluno para aprender, de forma inteligente, a norma ortográfica” (REGO, 2007, p. 43).

Diante disso, pensamos que o papel do professor, em desenvolver um ensino que seja condizente às demandas da sala de aula é importante. Aliado a isso, ter alunos interessados e que se sintam valorizados no ambiente escolar pode contribuir, também, para a melhoria do panorama de ensino-aprendizagem da língua.

3.3 Sistema fonológico x sistema ortográfico

Ao se tratar da correspondência do sistema fonológico e ortográfico, notamos que eles não são simétricos, uma vez que não há uma concordância entre os fonemas e os grafemas da língua. Desse modo, é importante entender como isso se reflete no ensino de língua materna, bem como pode ser um empecilho na aprendizagem do discente.

Nessa perspectiva, julgamos importante saber como ocorre a relação entre os fonemas e grafemas da língua, bem como entender que tipos de equivalência ocorrem entre eles, sobretudo quanto ao ensino de ortografia. Assim, para organizarmos melhor o ensino, de modo a auxiliar os alunos no entendimento da língua, é necessário entender como funciona a ortografia do português.

Lemle ([1982] 2009) realizou um estudo significativo para professores e pesquisadores, ela trouxe um novo olhar para diversas questões pertinentes ao assenhoreamento do sistema ortográfico. Para a autora, o paralelismo entre os fonemas e os grafemas se dão de maneira biunívocas e múltiplas.

A autora ainda defende que uma correlação biunívoca é aquela em que há uma única correspondência entre letra e som. Ou seja, é uma relação de um para um, malgrado a qualquer contexto, nela “um elemento de um conjunto corresponde a apenas um elemento de outro conjunto, ou seja, é de um para um a correspondência entre os elementos, em ambas as direções” (LEMLE, [1982] 2009, p. 17).

Conforme Câmara Jr (1979, 2008, 2013), no PB, o sistema fonológico é composto por sete vogais e dezenove consoantes. Em contrapartida, temos apenas vinte e três formas gráficas de representar tal sistema, o que torna evidente que há no PB menos unidades gráficas que sonoras. Nesse interim, notamos que o sistema sonoro é mais amplo que o gráfico.

Sobre essa não biunivocidade, Roberto (2016) defende, em relação ao sistema ortográfico, que as relações entre grafemas e fonemas não são biunívocas, o que torna a proposta inicial do sistema ortográfico representar a fala não ser tão simples:

Diferentemente da naturalidade típica do sistema oral, nosso sistema escrito foi construído, essa invenção, embora feita com propósito inicial de representar a oralidade, tem suas especificidades, e relação entre a escrita e a oralidade não se dá de forma tão simples como muitos gostariam (ROBERTO, 2016. p. 140)

Dessa forma, por mais que haja semelhança entre o sistema ortográfico e o fonológico, este não foi feito apenas para corresponder às unidades sonoras, pois na língua existem várias singularidades em que o sistema ortográfico feito para tornar o sistema de escrita padrão não consegue contemplar, o que torna essa ligação mais complicada do que parece ser.

Quando temos o conhecimento acerca da ortografia, é importante que o aprendiz entenda que há casos em que um grafema terá somente um som para representá-lo, enquanto que em outros, há situações de concorrência, fato que dificulta o entendimento pleno acerca as relações grafofonêmicas. Assim, compreendemos o porquê de, muitas vezes, ao se apoiar na fala para escrever, a pessoa reproduzir uma escrita diferente da convenção ortográfica. Lemle (2011), ao abordar as relações entre grafemas e fonemas, trata essas relações como monogâmicas e não monogâmicas. Para a autora,

O casamento entre sons e letras nem sempre é monogâmico. O modelo ideal do sistema alfabético é o de que cada letra corresponda a um som e cada som a uma letra, mas essa relação ideal só se realiza em poucos casos. Na verdade, temos em português pouquíssimos casos de correspondência biunívoca entre sons da fala e sons do alfabeto (LEMLE, 2011. p. 17).

É comum ocorrer dificuldades ao grafar palavras que fazem parte desse grupo fonético-gráfico polidramático. Nesse contexto, a não compreensão da assimetria entre os sistemas fonológico e ortográfico propicia uma escrita com diversas alterações ortográficas, resultando, muitas vezes, em processos fonológicos. Para Silva (2011, p. 80), esses processos são compreendidos como modificações de fones ou de fonemas, sendo, pois, unidades tanto da Fonética quanto da Fonologia, entretanto, “convencionou-se usar apenas a expressão ‘processos fonológicos’. Também é usado o termo metaplasmos (processo que acrescenta, suprime ou transpõe fonemas numa palavra)”. Eles facilitam a representação de um som ou um grupo dele,

seja na fase de aquisição da linguagem de uma criança, ou pelos adultos em sua fala do dia a dia.

Roberto (2016) destaca que a ciência que se faz através dos estudos fonológicos é de grande importância para entender vários aspectos da língua, por exemplo: mudanças da língua, variações fonéticas, variações da aquisição da linguagem, processos de alfabetização, problemas fonoaudiólogos, desvios fonológicos, processamento psicolinguístico.

No que diz respeito ao sistema ortográfico, as correspondências biunívocas e múltiplas são separadas em três grupos, de acordo com Lemle ([1982] 2009): a relação de um para um, em que cada grafema corresponde a um fonema e vice-versa (faca, pata), a de um para mais de um, combinadas a partir da posição, na qual uma letra representa sons opostos, bem como um som é representado por diferentes letras (s – salão, casa; k/ – cadela, esquadra) e as relações de concorrência, nas quais há mais de uma letra para representar um mesmo fonema (açúcar, assa, encenação, insatisfeito).

Morais (2000, 2007) separa as conformidades fonográficas regulares em três categorias: diretas, contextuais e morfossintáticas. Segundo atesta, nas regularidades do sistema, “entre as opções de letras que poderiam notar determinado som, a norma define um critério, [...] que pode ser usado com segurança, quando selecionamos qual letra ou dígrafo vamos empregar” (MORAIS, 2007, p. 19). Dessa forma, em todos os casos de regularidade haverá uma norma ou casos frequentes que ajudará na hora da escrita. Apresentamos, a seguir, regularidades diretas.

Quadro 1: Regularidades diretas

P	/p/
B	/b/
T	/t/
D	/d/
F	/f/
V	/v/
A	/a/
M	/m/*
N	/n/*

Fonte: Moraes (2007, p. 21)

A respeito das regularidades diretas, podemos perceber que dentro desses pares de fonemas (s /p/, /b/, /t/, /d/, /f/ e /v/ n) não existem um “conflito” para saber grafar determinadas

palavras com esses sons, pois eles têm um traço distintivo o qual não possibilita a troca de fonema por outro. Além desses fonemas já mencionados temos também os casos dos fonemas /m/ e /n/ no começo das palavras. No quadro 2, apresentamos as regularidades contextuais.

Quadro 2: Regularidades contextuais do português

- Os empregos de C e QU em palavras como quero, quiabo e coisa.
- Os empregos de G e GU em palavras como guerra, guitarra e gato.
- Os empregos de Z do início de palavras começadas com o som /z/, como zabumba, zebra, zinco, zorra e zumbido.
- O emprego de S em sílabas de início de palavra em que essa letra segue os sons /a/, /o/ e /u/ ou suas formas nasais (como em sapo, santa, soco, sono, surra e suntuoso).
- O emprego de J em sílabas em qualquer posição da palavra em que essa letra segue os sons /a/, /o/ e /u/ ou suas formas nasais (como em jaca, cajá, carijó, juízo e caju).
- Os empregos de R e RR em palavras como rei, porta, carro, honra, prato e careca.
- Os empregos de U notando o som /u/ em sílaba tônica em qualquer posição da palavra e de O notando o mesmo som em sílaba átona final (ex: úlcera, lua, bambu e bambo).
- Os empregos de I notando o som /i/ em sílaba tônica em qualquer posição da palavra e de E notando o mesmo som em sílaba átona final (ex: fígado, bico, caqui e caque).
- Os empregos de M e N nasalizando final de sílabas em palavras como canto e canto.
- Os empregos de A, E, I, O e U em sílabas nasalizadas, que antecedem sílabas começadas por M e N (como em cana, remo, rima, como e duna).
- Os empregos de ãO, ã e EM em substantivos e adjetivos terminando em /ãu/, /ã/ e /ey/ como feijão, folgazão, lã, sã, jovem e ontem.

Fonte: Morais (2007, p. 22)

Sobre as regularidades contextuais, notamos que, devemos observar quais os grafemas vêm antes ou depois de cada correspondência fonológica; olhar em qual posição em que a correlação fonológica está em cada conjunto de grafia; e verificar a tonicidade da correspondência som-grafia em determinados grupos de palavras. Logo, percebemos que:

[...] os grafemas que antecedem ou aparecem após a correspondência fonográfica em questão. Isso ocorre, por exemplo, quando aprendemos por que campo se escreve com M e canto se escreve com N; b) a posição em que a correspondência fonográfica ocorre no conjunto da palavra (por exemplo, para escrever zebra ou qualquer outra palavra começada com o som /z/, temos que usar a letra Z); c) a tonicidade da correspondência som-grafia no conjunto da palavra (por exemplo, saci e caqui se escrevem com I no final, por que então o som /i/ é “forte”, enquanto gente e pote se escrevem com E, por que seus sons /i/ finais são átonos) (MORAIS, 2007, p. 21).

Depreendemos que, nas regularidades diretas e contextuais, os alunos devam prestar atenção às palavras grafadas que contenham esse tipo de correspondência entre grafemas e fonemas e ao entender essas regras, grafará adequadamente os vocábulos da língua. No quadro 3, evidenciamos, também, um caso de regularidade da língua; entretanto, é a mais complexa em relação à aprendizagem dos alunos.

Quadro 3: Regularidades morfofossintáticas do português:

FLEXÕES VERBAIS

- O emprego de R nas formas verbais do infinitivo que tendemos a não pronunciar (cantar, comer e dormir).
- O emprego de U nas flexões verbais do passado perfeito do indicativo (cantou, comeu e dormiu).
- O emprego de ãO nas flexões verbais do futuro do presente do indicativo (cantarão, comerão e dormirão).
- Os empregos de AM nas flexões verbais do passado ou do presente pronunciadas /ãw/ átono (sejam, cantam, cantavam, cantariam).
- O emprego de D nas flexões de gerúndio que, em muitas regiões, tende a não ser pronunciado (como em cantando, comendo e dormindo).
- Os empregos de SS nas flexões no imperfeito do subjuntivo (cantasse, comesse, dormisse).

PALAVRAS FORMADAS POR DERIVAÇÃO LEXICAIS

- O emprego de L em coletivos terminados em /aw/ e adjetivos terminados em /aw/, /ew/, /iw/ (como milharal, colegial, possível, sutil).
- O emprego de ÊS e ESA em adjetivos pátrios e relativos a títulos de nobreza (português, portuguesa, marquês, marquesa).
- O emprego de EZ em substantivos derivados como rapidez e surdez.
- O emprego de OSO em adjetivos como gostoso e carinhoso.
- O emprego de ICE no final de substantivos como chatice e doidice.

Fonte: Morais (2007, p. 24)

Notamos que essas regularidades de tipo morfofossintático abrangem, portanto, morfemas que aparecem na formação de palavras por derivação lexical e nas desinências de certas flexões verbais os sufixos do primeiro conjunto são muitos, logo, podem ser estudados durante todo o ensino fundamental. Acreditamos que as determinações envolvidas na notação de algumas flexões verbais – como na amostragem do quadro 3 – precisam ser sistematicamente estudadas nos anos iniciais, já que acontecem com muita frequência nos textos produzidos pelos alunos.

No quadro 4, apresentamos as irregularidades do português.

Quadro 4: Irregularidades do português:

- A notação do som /s/ com S, C, Z, SS, X, Ç, XC, SC, SÇ e S: por exemplo, em seguro, cidade, assistir, auxílio, açude, exceto, piscina, cresça, exsudar.
- A notação do som /z/ com Z, S e X (gozado, casa, exame).
- A notação do som /S/ com X, CH ou Z (xale, chalé, rapaz).
- A notação do som /g/ com J ou G (gelo, jiló).
- A notação do som /λ / com L ou LH em palavras como família e toalha.
- A notação do som /i/ com I ou E em posição átona não-final (cigarro, seguro).
- A notação do som /u/ com U ou O em posição átona não-final (buraco, bonito).
- O emprego do H em início de palavra (harpa, hoje, humano).

Fonte: Morais (2007, p. 25)

A respeito das irregularidades, Morais (2000, 2007) defende que não há uma norma ou motivo para a escrita de algumas palavras da nossa língua. Logo, os grafemas são outorgados por fatores históricos que determinam sua norma de escrita, sendo abordado por ele como:

No caso das irregularidades, não há regra ou princípio gerativo que se aplique de maneira mais ou menos generalizada ao conjunto de palavras de nossa língua. Quando os grafemas autorizados pela norma se devem unicamente a questões históricas – à etimologia da palavra ou à tradição de uso –, temos que memorizar as formas corretas. Ou consultar o dicionário, no caso de dúvidas muito compreensíveis quando temos que escrever palavras menos frequentes na escrita diária (MORAIS, 2007, p.19).

Diante disso, entendemos que, das regularidades, as, aparentemente, mais complexas para os alunos entenderem, são relativas às morfossintáticas; entretanto, das relações entre grafemas e fonemas, as que apresentam mais dificuldades quanto à apropriação, são as irregularidades, pois inexistem regras que auxiliem na escrita correta de determinadas palavras. Assim, o aluno deve memorizar a forma gráfica ou conhecer a origem etimológica para grafar de maneira adequada.

3.4.1 Processos fonológicos ou metaplasmos

No processo de evolução da língua, ocorreram inúmeras mudanças, sejam nos aspectos, fonético-fonológicos, sintáticos, morfológicos, gramaticais, semânticos, dentre outros. Em relação a essas mudanças, destacamos, aqui, os processos fonológicos ou metaplasmos, os quais são transformações ocorridas em alguns fonemas, especialmente, em sua emissão, como consequência dos sons vizinhos.

Sobre esses processos, mencionamos que eles são compreendidos como “modificações fonéticas que sofrem as palavras na sua evolução” (COUTINHO, 1976, p. 142). Assim, essas mudanças, conforme esse autor, podem acontecer de quatro formas: por permuta; aumento; subtração e transposição. Silva (2011) reitera esse pensamento de Coutinho (1976) ao falar que os processos fonológicos podem acarretar casos de supressão, acréscimo, transformação e transposição. A respeito disso, Bagno (2007), também faz a sua categorização acerca dos metaplasmos e os divide em processos por apagamento, por acréscimos ou por mudanças de fonemas.

Coutinho (1976) fala que os metaplasmos de permuta são aqueles que sofrem uma troca ou substituição de um fonema por outro, isto é, ocorre a mudança na qualidade do segmento. Dentro desse grupo, temos, por exemplo, os casos de: assimilação, sonorização, dessonorização, semivocalização, rotacismo, lambdacismo, alçamento vocálico, dentre outros.

A assimilação se faz quando um fone imita um ou mais traços de outro fone perto dele, o que o torna mais parecido com o fone “copiado” - bravo > *brabo*. A sonorização faz com que os fonemas surdos se tornem sonoros - subsídio > *subzídio*; decote > *degote*; confusão > *gonvuzão*. A desonorização se faz oposto à sonorização, isto é, é processo que torna os fonemas com sons em surdos - gato > *cato* - você > *focê* (ROBERTO, 2016).

Na semivocalização de líquida ocorre a troca de uma líquida por uma semivogal - carne > *caine*. Substituição do L > R (rotacismo) - problema > *pobrema*; flamengo > *framengo*. Substituição do R > L (lambdacismo) – carinho > *calinho*. Sobre alçamento, entendemos que esse processo acontece quando ocorre uma mudança de uma vogal por outra mais alta, ou seja, é um fenômeno que acontece com as vogais átonas /e/ e /o/ que se realizam /i/ e /u/, respectivamente, como observamos em menino > *mininu* (ROBERTO, 2016).

Sobre os metaplasmos de aumento, o Coutinho (1976) denomina que são os casos que ocorrem quando adicionamos fonemas em uma determinada palavra, sendo esses classificados por: prótese ou prótese, epêntese, paragoge ou epítese. A inserção de segmento no início de uma palavra é chamada de prótese - voar > *avoar*; levantar > *alevantar*; quando essa inserção ocorre no meio do vocábulo, denominamos de epêntese - pneu > *pineu*; advogado > *advogado*; prato > *parato*. A epêntese, em alguns casos, ocasiona a ditongação - doze > *douze*; nascer > *naiscê*; arroz > *arroiz* – isso ocorre, sobremaneira, diante das sibilantes *s* e *z*. quando incluímos segmento no fim do vocábulo, há a paragoge - club > *clube*. *Mais* > *maisi*

O processo de subtração ou supressão, nas palavras de Roberto (2016), acontece quando tiramos segmentos de uma dada palavra, ou seja, suprimos um fonema existente. Nesse grupo, temos: aférese, síncope, haplologia, apócope, dentre outros.

A aférese ocorre quando existe apagamento de fonemas no início do vocábulo - está > *tá* -, a síncope, a qual acontece com o apagamento que ocorre no interior da palavra - xícara > *xicra* -, e a apócope, fenômeno em que ocorre o apagamento de fonemas no final do vocábulo - tomar > *toma*; e lápis > *lapi* (ROBERTO, 2016). A haplologia é resultante do apagamento de uma sílaba medial pode deixar > *po'deixar*

A respeito da transposição são os que constituem no grupo de processos em que desloca um fonema ou acento gráfico tônico para outra parte da palavra. Esse grupo de metaplasmo engloba, especialmente, a metátese, a qual é um processo que se faz através da alternância de segmentos dentro dos vocábulos, que podem estar dentro de uma só sílaba ou envolver duas sílabas diferentes (ROBERTO, 2016). São exemplos de metáteses: dentro > *drento* – trator > *tartor* – caderneta > *carderneta* – capacete > *pacacete* – primário > *primairo*.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para a realização dessa pesquisa, analisamos seis textos escritos por alunos do 6º ano do ensino fundamental. Optamos pelo reconto da fábula *A Cigarra e a Formiga*. Ao nos depararmos com essas produções textuais, notamos uma grande presença de equívocos na escrita dos alunos e separamos esses erros por influência ortográfica e ou fonético-fonológica.

A respeito da divisão dos dados, resolvemos separar os desvios em três grupos, em que os erros cometidos na grafia ocorreram por processos fonológicos, por questões de natureza ortográfica e, ainda, casos que ocorreram os dois; sendo estes analisados e explicados em classes respectivas.

O primeiro texto foi elaborado por um aluno de 12 anos de idade e de renda familiar baixa. Nesse texto, observamos 09 desvios de grafia, sendo 04 de natureza ortográfica - *cingara*, *dasava*, *sigara*, *xega* - e 05 de fonológica - *fromiga*, *vez*, *cantado*, *trabalhado*, *nois*. Em relação ao primeiro grupo, notamos que esse aluno cometeu os desvios, possivelmente, por desconhecer as representações múltiplas dos fonemas, isto é, o fato de um mesmo som poder ser representado por diferentes letras (ZORZI, 1998). Nos casos observados, temos essas representações nos fonemas /s/ (*cingara*, *dasava*), /r/ (*sigara*) e /ʃ/ (*xega*).

No que diz respeito ao segundo grupo, em *fromiga* (formiga) ocorre o processo da transposição da letra *r*, a qual é denominada de metátese; sobre o processo da metátese Coutinho (1976), denomina a transposição em que o fonema de uma sílaba vai para outra. Em *vez* (vez) e *nois* (nós) ocorre uma epêntese, isto é, o surgimento de um fonema no meio da palavra (COUTINHO, 1976), por meio do acréscimo da vogal *i*. Conforme mencionamos, quando a referida vogal está diante das sibilantes *z* e *s*, podem ocorrer casos de ditongação, fato ocorrido em ambos os exemplos. Bagno (2007) fala que a ditongação corresponde a mudança de um hiato ou vogal em ditongo. Em *cantando* > *cantado* e em *trabalhando* > *trabalhado* ocorre o processo de supressão de segmento chamado de síncope. Em ambas as palavras, a síncope da consoante *n* ocasionou a desnasalização, a qual ocorre quando um fonema que, antes era nasal, deixa-o de ser, para se tornar oral (COUTINHO, 1976).

A segunda produção foi feita por uma aluna de 13 anos de idade e de classe média. No texto 02, notamos 09 desvios de escrita, desses, 01 era de natureza ortográfica - *cigara* e 08 de fonológica - *vez*, *cantado*, *andano*, *chegano*, *ficano*, *cantano*, *alegri*, *imbora*. O desvio de natureza ortográfica foi resultante da representação múltiplas do fonema /s/, bem como, destacou-se também a representação múltipla do fonema /r/.

Com relação aos erros de motivação fonético-fonológica, em *vez* (vez), ocorre o processo de epêntese, através de acréscimo da vogal *i* diante da sibilante *z*. Em cantando > *cantado* ocorreu o processo de síncope, o qual propiciou a desnasalização. Em *andano* (andando), *chegano* (chegando) e *ficano* (ficando), ocorrem a assimilação - *nd* > *nn* > *n* -, caso que Coutinho (1976) conceitua como o processo em que a aproximação de dois fonemas se resulta em decorrência do fonema vizinho. Sobre a assimilação, Roberto (2016) destaca que um segmento que se torna parecido com o do outro, logo, ele usa um dos traços sonoros do segmento vizinho. Em *alegri* (alegre) e *imbora* (embora) acontecem o processo de mudança da qualidade do segmento da vogal *e*. Roberto (2016) conceitua esse processo de mudança como o alçamento vocálico e diz que ele é a troca de uma vogal por outra mais alta. Coutinho (1976) denomina o referido processo como metafofia e o conceitua como a transformação de um fonema em que seu timbre é resultante da influência sobre uma vogal ou semivogal *e* > *e* > *i*, *ó* > *ô* > *u*, assim, notamos que as vogais médias baixas ou médias altas tendem a se comportar, em dados contextos, como vogais altas.

O terceiro texto foi feito por uma discente de 12 anos de idade e com renda familiar baixa. No texto 03, reparamos 07 desvios de escrita, sendo 01 de natureza ortográfica – *poçam* – e 06 de fonológica – *valava* (falava), *gui* (que), *inveno* (inverno), *gete* (gente), *trabala* (trabalha) – e 01 com ambos os aspectos – *disi*. Sobre o primeiro grupo, notamos que essa estudante cometeu essa falha, quiçá, por não ter conhecimento sobre as representações múltiplas do fonema /s/, que pode ser descrito por diversos grafemas.

A respeito do segundo grupo, na palavra *valava* (falava) ocorre o processo da dessonorização, que, para Roberto (2017), acontece com a perda do traço sonoro, assim, o que se escuta/escreve é o som surdo (/v > f/). Em *gui* (que) ocorre dois processos, o primeiro corresponde à sonorização, ou seja, a troca do segmento surdo /k/ pelo /g/; o segundo, é o alçamento da vogal *e*. A sonorização, para Bagno (2007) acontece com a mudança de um ou mais sons em consoante palatal. Em *inveno* (inverno), *gete* (gente) e *trabala* (trabalha), notamos a presença da síncope, isto é, a supressão de grafemas *r*, *n*, *h*, respectivamente, no meio do vocábulo. Em relação à palavra *trabala* (trabalha), essa síncope ocasiona a despatalização, que é a transformação de um som mais palatal em alveolar -*lh* > *l*. No terceiro grupo, temos a palavra *disi*, em que observamos a representação múltipla do fonema /s/ e o alçamento ou metafofia do *e*.

A quarta produção textual foi feita por um discente de 13 anos de idade e possui uma renda familiar baixa. No texto 04, percebemos 10 desvios de grafia, 02 de natureza ortográfica – *cigara*, *dise*, 07 de fonológica *fromiga* (formiga), *dimais* (demais), *iverno* (inverno), *geti*

(gente), *trabala* (trabalha), *divreti* (diverte), e 01 de natureza ortográfica e fonológica na mesma palavra – *xegra* (chega). Quanto ao primeiro grupo, o educando, assim como os demais alunos citados apresenta dificuldade em entender as múltiplas relações fonográficas, já que se equivoca na grafia dos sons /s/, /r/.

Com relação aos desvios de caráter fonético-fonológicos, em *fromiga* (formiga) acontece o processo da transposição da letra *r*, a qual é denominada de metátese; em *dimais* (demais) ocorre o alçamento vocálico de *e*. Em *inverno* (inverno), notamos o processo da supressão da consoante *n*, o fato a conduz a uma desnasalização, que, para Bagno (2007), é relativo a um segmento que deixa de ser nasal e passa a ser oral. Em *geti* (gente) ocorre dois processos, o primeiro, corresponde à supressão da consoante *n*, resultando, também, em desnasalização; o segundo, ao alçamento de *e* que se realiza com *i*. Na palavra *trabala* (trabalha) observamos o processo de apagamento de consoante *h*, o qual ocasiona a despalatalização. Em *divreti* (divertir), notamos, em um primeiro momento, o processo de transposição chamado de metátese – *divreti* > *divertir* - e o alçamento da vogal *e*, além do apócope da consoante *r*, fato que tem se tornado muito comum na fala e na escrita das pessoas.

No terceiro grupo, o qual pertence palavras escritas com os dois tipos de equívocos, temos *xegra* (chegar). O primeiro, condiz com a natureza ortográfica, isto é, o não entendimento da representação do fonema /ʃ/; o segundo, relaciona-se com o processo fonológico metátese.

O quinto texto foi realizado por um aluno de 12 anos de idade que pertence a uma família classe média. Nesse texto, encontramos 05 desvios de escrita. Desses, 01 de natureza ortográfica *cigara*, e 04 de natureza fonológica - *trabaio* (trabalho), *trabaiano* (trabalhando), *pidino* (pedindo), *Cantado* (cantando). A respeito do grupo um, o discente, possivelmente, desconhece algumas questões relacionadas às representações múltiplas dos fonemas /s/ e /r/.

No grupo dois, em *trabaio* (trabalho), *trabaiano* (trabalhando) ocorre um processo chamado de despalatalização, que, em ambos os casos, ocasiona a iotização, ou seja, uma vogal ou consoante é realizada como a vogal alta *i*. Na palavra *pidino* (pedindo), acontece a assimilação do grupo - nd > nn > n. Em *cantado* (cantando) notamos o processo de subtração denominado de síncope.

A sexta produção textual foi feita por um aluno de 12 anos de idade, com uma renda familiar baixa. Nesse texto, encontramos 03 desvios de grafia, todos de natureza fonológica – *peder* (peder), *invenho* (inverno), *Gete* (gente). Em *peder* (perder) observamos o processo da supressão, nesse caso da consoante *r*, no meio da palavra, o qual é chamado de síncope; na palavra *invenho* (inverno) ocorreu o processo de apagamento da consoante *r*, ocasionando a síncope, além da palatalização, por meio da inserção do *h*, resultando em uma epêntese; em

Gete (gente), observa-se o processo de apagamento da consoante *n*, o qual acarreta na desnasalização.

Conforme notamos nos dados analisados, há uma predominância de desvios gráficos relacionados aos processos fonológicos ou metaplasmos em relação aos erros de natureza ortográfica. Sendo estes, relacionados às irregularidades da língua, isto é, aos casos em que há mais de uma possibilidade de representar um dado som.

Os textos nos permitiram refletir que, ainda se faz necessário entender mais sobre a escrita dos alunos, assim como desenvolver atividades que diagnostiquem as maiores dificuldades que eles possuem em relação à aquisição de conhecimento sobre o sistema de escrita alfabética.

Sobre as irregularidades da língua, autores como Zorzi (1998), Morais (2000, 2007), dentre outros, defendem que o ensino deve partir do que é regular e, aos poucos, o professor vai inserindo o que é irregular, respeitando a heterogeneidade da turma e entendendo o que é mais produtivo em seus textos. Nesse cenário, acreditamos que um ensino efetivado por meio da conscientização sobre o que é regular e irregular é muito importante, especialmente, por permitir ao estudante entender que em alguns casos teremos regras na grafia das palavras e em outros teremos que entender a assimetria entre os sistemas fonológico e ortográfico na apropriação de conhecimento.

Em relação aos metaplasmos, acreditamos que os alunos, especialmente o que reproduzem na escrita características da fala, ainda não compreenderam o que pertence ao campo da fala e ao da escrita; entretanto, esse processo é natural quando se está adquirindo conhecimento sobre a língua materna.

Diante disso, defendemos que é importante rever determinadas práticas de ensino, a práxis pedagógica, as metodologias e, principalmente, olhar de forma reflexiva para a aprendizagem do aluno. Nesse sentido, acreditamos que os erros/desvios gráficos que os alunos cometem devem ser compreendidos como hipóteses que eles formulam, uma vez que estão, ainda, aprendendo sobre o sistema alfabético.

Assim, esses dados, longe de demonstrar a incompetência ou falta de atenção, revelam a quão árdua é a tarefa de escrever dentro dos padrões da norma ortográfica e é um campo rico de reflexões e investigações para o docente que olhe de forma acurada para seu ambiente de trabalho. Pontuamos, pois, que é proeminente o professor entender mais da natureza da escrita dos seus alunos e desenvolver estratégias de ensino e de aprendizagem que partam do que o aluno já saiba para ampliar, ainda mais, esse saber e desenvolver diversas habilidades que são exigidas em nossa sociedade cada vez mais letrada, tecnológica e globalizada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho, realizamos, por meio de produções textuais, análises sobre a escrita de alunos do 6º ano do ensino fundamental. A compreensão relativa à aprendizagem dos alunos sobre a ortografia é um desafio aos professores da educação básica. Além disso, desenvolver um ensino que seja adequado às atuais demandas escolares é, também, um percalço no fazer docente.

Acreditamos que é importante entender a forma como os alunos se apropriam do sistema de língua escrita, assim como diagnosticar os tipos de erros ortográficos que são mais presentes na escrita desses discentes. Assim, neste trabalho, objetivamos caracterizar os erros ortográficos mais recorrentes nas produções textuais escritas dos alunos do 6º ano do ensino fundamental, sendo estes, os por influência fonológica.

Os dados nos revelaram que, apesar de haver erros de natureza ortográfica, a maior parte das incorreções desses alunos eram de desvios gráficos de natureza fonético-fonológica, pois foi bastante evidente a quantidade de processos fonológicos presentes nos textos estudados. Dessa forma, alcançamos nosso objetivo maior, assim como os específicos, pois conseguimos separar esses desvios gráficos, identificar as relações entre grafemas e fonemas no PB, bem como debatemos a assimetria entre os sistemas fonológico e ortográfico.

A nossa hipótese de que, nas produções textuais dos alunos, encontraríamos mais desvios gráficos relativos aos processos fonológicos que aos aspectos ortográficos foi confirmada. Isso ocorre, possivelmente, pelo fato de o aluno se apoiar muito na fala quando está se apropriando dos conhecimentos ortográficos. Além disso, mesmo não tendo sido pauta da nossa investigação, acreditamos que esses metaplasmos podem estar presentes na escrita dos alunos por influência das variedades linguísticas, principalmente, no gerúndio dos verbos e na realização do $e > i$ e $o > u$.

Nesse contexto, é relevante o desenvolvimento de um ensino escolar que contemple as irregularidades entre grafemas e fonemas e possibilite ao aluno refletir sobre o que está aprendendo. Defendemos, pois, que o ensino ortográfico seja produtivo, sistemático e possibilite ao aluno a compreensão do que é regular e irregular, bem como entender, de fato, o que está adquirindo de conhecimento.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOTELHO, J. M.; CRUZ, G. da. **Metodologia científica**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2013.

CAMARA JR., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

_____. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. **Estrutura da língua portuguesa**. 23 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

COUTINHO, I. de L. **Pontos de Gramática Histórica**. 7. Ed. Rev. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1976.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**. 17.ed. São Paulo: Ática, [1982] 2009.

MIRANDA, A. R. M. **Um estudo sobre o erro ortográfico**. In: Otília Lizete Heining, Cátia de Azevedo Fronza. (Org.). Diálogos entre linguística e educação. 1 ed. Blumenau: EDIFURB, 2010, v. 1, p. 141-162.

MIRANDA, M. M. S. **A escrita ortográfica de alunos do 6º ano: a motivação fonológica para os erros produzidos**. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Mestrado Profissional em Letras, 2015.

MORAIS, A. G. Ortografia: este peculiar objeto de conhecimento. In MORAIS, Artur Gomes. **O aprendizado de ortografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **Ortografia: ensinar e aprender**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

_____. A norma ortográfica do português: o que é? para que serve? como está organizada? In: SILVA, Alexsandro da. MORAIS, Artur Gomes de. MELO, Kátia Leal Reis de. **Ortografia na sala de aula**. 1. ed., 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007 p. 11-28

NÓBREGA, Maria José. **Ortografia**. São Paulo: Editora Melhoramento, 2013.

SILVA, Fernando Moreno da. **Processos fonológicos segmentais na língua portuguesa**. In: Littera online. Número 04, 2011.

SIMÕES, D. **Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

REGO, Lucia Lins Browne. **O aprendizado da norma ortográfica**. In: SILVA, Alexsandro da. MORAIS, Artur Gomes de. MELO, Kátia Leal Reis de. **Ortografia na sala de aula**. 1. ed., 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 29-44

ROBERTO, T. M. G. **Fonologia, fonética e ensino: guia introdutório**. São Paulo: parábola Editorial, 2016, 175 p.

ZANELLA, L. C. H. **Metodologia de pesquisa**. 2. Ed. reimp. – Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/ UFSC, 2013.

ZORZI, J. M.. **Aprender a ler: a apropriação do sistema ortográfico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

IBGE, 2021. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/santo-antonio-de-lisboa/panorama>> Acesso em 25 de junho de 2021

APÊNDICES

TEXTO 01

A Cigara e a família

era uma vez uma cigara cantada
e dançada e cantada. E viu o que le
mérito de por de trabalhato si
la regar e trabalhato si famiganta
sem aque raposo. E falou naque vacio
trabalhado para quase xiga de um vira não
nao labalho a nao parriga labalho
porque agite tem muito comido nassem
a ti tadam to' vama darra! pela! e comto
e custel a im en... e si rasemba tudo
tem o acunha solo o que vaci no todo sagundo
com vrt palmu e tare sala que nao presigamos
trabalho nada deo presigamos sem trabalho
em que vaci per truncado, patado, sarado
agite to quite balho tu... e... xiga
de sem vira em nao temha no prate
algum camu e... e... a que tem
vande para a membe amega famiga to... e...

Era uau uau o cigarro e o permigo
 a cigarra andava. Tinha uau uau contido
 Landano iai foi passando o tempo e uau
 uau e uau andava iai da filia Landano
 i uau i uau permigo foi passando cigarro
 uau uau qui uau uau uau uau uau permigo
 uau uau muito uau uau uau uau uau uau
 uau uau uau uau uau uau uau uau uau
 Para dentro da minhara uau iai uau uau
 qui um bolinho no uau uau uau uau uau
 iai uau uau uau uau uau uau uau uau
 iai uau uau uau uau uau uau uau uau
 no uau uau uau uau uau uau uau uau
 uau uau uau uau uau uau uau uau
 uau uau uau uau uau uau uau uau

A cigarrera farmiga

A cigarrera Valéria qui, ele dizo
qui se i vero Para agete devida
i ele paco fame i sete dizo qui vero
no vero!!
Para divid. Para a cigarrera farmiga Po dala
Sifica conca i code vo ardo
A farmiga disi um Para tabala A farmiga
disi qui nao da tabala A cigarrera disi pagu vo a
disi nao ia tabala A farmiga come um
zoro vete ou ele disi que ia tabala,
ai a farmiga vo topa cosa

Aligara e a promissa

Era um vez uma cigarrinha Aligara. Aligara tinha uma
amiga e a amiga disse VC prometeu
trabalhar demais o dia e para não esquecer e a
amiga disse mais lembra que tem trabalho
masque nem tanto trabalho e a amiga disse: tem mu-
lta comida e a amiga disse: a amiga
bateu no peito de promissa e Aligara
está lá com fome e com fome, o Aligara
bateu Aligara e deu comida, todo

TEXTO 05

A cigana e a Formiga

a cigana não tra bem dançando e cantando, a Formiga Fica tralalá
ano as canções e Fica malha no jardim a cigana satanismo
e Fica conforme estava lidando comida, a Formiga rainha de Piji
e machos e de Fica cantado dançado

TEXTO 06

A cigarrinha e a Formiga
durante o verão a cigarrinha só cantava
e pulava e a Formiga trabalhava e trabalhava
a Formiga pensava no futuro e a
cigarrinha não a cigarrinha foi até a casa
da Formiga pedir comida a rainha da
Formiga.
Quando o inverno chegou a cigarrinha
foi até a casa da Formiga
pedir comida e as Formigas
deram comida a cigarrinha mas ela pediu
que a Formiga lhe desse comida
A rainha das Formigas disse que se ela
quisesse ficar migrando com elas teria
a que trabalhar contando e dando
voto.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

Às 16 horas do dia 21 de julho do ano de dois mil e vinte e um, em sala virtual do Google Meet, sob a presidência do **Prof. Maria Aldetrudes de Araújo Moura**, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia de autoria da aluna **Patrine Silva Nascimento** do curso de Letras desta Universidade com o título: **DESVIOS ORTOGRÁFICOS: UMA ANÁLISE SOBRE A ESCRITA DE ALUNOS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**. A Banca Examinadora ficou assim constituída: **Prof. Maria Aldetrudes de Araújo Moura (orientador – presidente), Prof. Gizele Cristiane de Souza (1º examinador) e Prof. Francisco Carlos Vieira Moura de Araújo (2º examinador)**. Foram registradas as seguintes ocorrências: **após a apresentação do aluno pela Presidente da banca, ocorreu a apresentação da monografia, seguido de questionamentos pelos membros da banca; finalizando, foram sugeridas algumas modificações e correções**. Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, tendo a aluna obtido às seguintes notas: nove; nove; e nove. Apuradas as notas, verificou-se que a aluna foi aprovada com média geral nove. E para constar, eu, **Maria Aldetrudes de Araújo Moura**, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 21 de julho de 2021.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.

Maria Aldetrudes de Araújo Moura

Presidente

Gizele Cristiane de Souza

1º examinador

Francisco Carlos Vieira Moura de Araújo

2º examinador



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
() Monografia
(X) Artigo

Eu, **Patrine Silva Nascimento**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **Desvios ortográficos: Uma análise sobre a escrita de alunos do 6º ano do ensino fundamental** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 31 de janeiro de 2021.



Assinatura



Assinatura